

INFORMAÇÃO E PODER

**Organizado por
JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO**

Prefácio de
JANIO DE FREITAS



EDITORA RECORD

Sumário

PEQUENA APRESENTAÇÃO
José Paulo Cavalcanti Filho 7

PREFÁCIO
Janio de Freitas 9

EVANDRO LINS E SILVA
Lei de Imprensa — Do Império aos Nossos Dias 11

JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO
E Lord Jones Morreu — Discurso por Controles
Democráticos ao Poder dos Meios de Comunicação 27

FÁBIO KONDER COMPARATO
Nótula Sobre o Direito à Comunicação Social 65

CRISTOVAM BUARQUE
Parabólicos e Metabólicos 71

WASHINGTON NOVAES
Informação e Cidadania 79

JOSÉ MONSERRAT FILHO
O Direito à Informação Qualificada 93

IVANILDO SAMPAIO
A Imprensa e o Poder Constituído — As Dífceis Relações 101

AMÉRICO ANTUNES
Democratização da Informação 109

MÁRIO HÉLIO
Grandes Tiragens da Estupidez 117

Pequena Apresentação

Os textos aqui reunidos resultam de debates realizados na XLV Reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência — SBPC (Recife, julho de 1993).

As exposições de Cristovam Buarque, Evandro Lins e Silva, Ivanildo Sampaio, José Paulo Cavalcanti Filho, Mário Hélio e Washington Novaes foram reescritas, mantida a coerência com suas participações no evento. Fábio Konder Comparato e José Monserrat Filho, que não puderam comparecer, enviaram seus textos. A exposição de Janio de Freitas foi por ele convertida em prefácio.

Agradecimentos ao apoio institucional da Fundação de Cultura Cidade do Recife.

Considerando a relevância institucional da democratização da informação, os crescentes questionamentos em relação à ação dos meios de comunicação e a circunstância de que está sendo votada no Congresso Nacional uma nova Lei de Imprensa, buscamos ampliar o debate com visões o mais possível complementares, dando a este livro o sentido de um compromisso com o Brasil democrático.

JOSÉ PAULO CAVALCANTI FILHO
Recife, dezembro de 1993

Prefácio

Os meios de comunicação figuram entre os mais graves problemas brasileiros, por uma infinidade de motivos. Com esta particularidade notável: nenhum outro problema é mais silenciado. Este é quase um segredo. Em parte, porque os próprios meios de comunicação selecionam os problemas a serem expostos publicamente. Mas também por outro fator não menos forte e verdadeiro: na política, nas chamadas ciências sociais, no jornalismo mesmo, raríssimos dispõem-se a abrir fendas no tabu.

Se alguém disse que Collor foi eleito pela TV Globo, com seus 70% de audiência nos horários em que agiu contra Lula, não há como provar o contrário. Os votos que afinal confirmaram, na Justiça, a sentença do Congresso contra Collor tiveram a inegável contribuição dos pressionantes meios de comunicação. Se nos voltarmos para o Executivo, no momento em que escrevo não cabe dúvida de que só o apoio comprometedor dos meios de comunicação sustenta a indiferença de Fernando Henrique diante da inflação que ele encontrou em 26% e em oito meses elevou aos 40%, com todas as conseqüências terríveis para três quartos da população.

Consagrada pelo uso de uns dois séculos, a concepção de que “a imprensa é o quarto poder” foi atingida, em todo o mundo, pela

ascensão da TV, que tornou imprópria a palavra imprensa e levou à desagradável fórmula “meios de comunicação”. Ou, pior ainda, “mídia”. Mas, no Brasil, aqueles exemplos evidenciam que a impropriedade é ainda mais grave, e o conceito verdadeiro tem que ser outro: “os meios de comunicação são o primeiro poder”, com a sua força capaz de determinar as decisões dos três poderes institucionais — Executivo, Legislativo e Judiciário.

Na medida em que tamanha força representasse os sentimentos e aspirações expressos pela opinião pública, poderia ser um fator saudavelmente democrático. A concentração permitida no Brasil, porém, com TVs, jornais, revistas e rádios na posse de um mesmo grupo e até de uma só pessoa é uma força terrivelmente antidemocrática, antiinstitucional, anti-social e contrária à independência de ação e à moralidade do Estado.

Não há democracia onde haja concentração de poder. Não há justiça, não há cidadania, não há Direito onde haja concentração de poder.

Este livro, que reúne alguns dos palestrantes do tema “meios de comunicação” na reunião da SBPC de 1993, em boa parte enfrenta o tabu em que se transformou o poder dos meios de comunicação controlados por um só indivíduo ou grupo econômico. Os pronunciamentos não reproduzem as palestras originais, o que lhes deu a densidade impossível nas exposições de improviso. Deveria ser um livro inaugural e de estímulo ao debate sobre a concentração de poder nos meios de comunicação. Receio, porém, que a intenção inaugural não se concretize. Os temores e as conveniências mostram-se, entre nós, mais fortes do que o civismo e a coragem. Minha suspeita é de que este livro fique como caso único, ainda por muito tempo.

JANIO DE FREITAS